

Redacção e administração
R. de S. Martinho
Aveiro

POVO DE AVEIRO

Officina de impressão
R. de S. Martinho, AVEIRO
EDITOR, João Pinto Evangelista

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 77

Assinaturas
AVEIRO—Um anno, 18200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 18300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 28500. Semestre, 18500 réis (fortes).
PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Publicações
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 80 réis. Permanentes, mediante contrato.
Os ars. assignantes teem desconto de 30 por cento.
NUMERO AVULSO, 30 REIS

2.º ANNO

A questão clerical

A PROPOSITO DO CASO DAS TRINAS

Madame Ebsen saltou do comboio em Peti-Port e dirigiu-se logo ao castello de Port-Sauveur.

Estava um dia adoravel. Mas os seus olhos viao tudo negro como o seu coração, coberto por uma nuvem de tristeza. Tocou á campainha. Veio um creado, a quem ella disse, ansiosa:

«A minha filha!... onde está a minha filha?... Já... Quero vê-la immediatamente.»

O creado respondeu-lhe, segundo a ordem que tinha recebido, que mademoiselle Éline não estava no castello desde o dia anterior.

— E' mentira.

— Então entenda-se com a Senhora. Vou prenha, se quer. E conduziu-a atraz de si até um pequeno salão verde onde madame Autheman escrevia.

Ebsen ficou desarmada deante d'aquelle eterno sorriso imponente e suave. Perdeu a sua colera.

«Oh! Madame, Madame... Lina... Esta carta... O que quer isto dizer?...»

E desatou a soluçar, em soluços convulsivos. Madame Autheman julgou que venceria facilmente esta fraqueza em lagrimas e disse com unção, docemente, assentada no mesmo divan: «Vejam, não ha motivo para tanta afflicção; pelo contrario, ha motivo para glorificar o Senhor, que se dignou esclarecer a sua filha e retirar a sua alma do negro sepulchro...» Esta cataplasma mystica sobre o coração ferido ao vivo e mais humano do que nunca produziu o effeito de uma queimadura... A mãe voltou a si, levantou-se de olhos secos:

«Deixemo-nos de phrases. O que eu quero é a minha filha.»

— Éline já cá não está... disse Madame Autheman com um suspiro triste perante aquella revolta sacrilega.

— Então dizei-me onde está... Quero saber onde está minha filha...

Sem se commover, habituada já a scenas d'aquelle ordem, a presidente respondeu que Éline Ebsen tinha deixado a França, com intenção de espalhar o Evangelho. Talvez estivesse na Inglaterra, talvez na Suissa, talvez n'outra parte. Ao certo, ignorava-se. Em todo o caso daria noticias suas á mãe, para a qual teria sempre os sentimentos de uma filha christã e dedicada.

Era a carta d'Éline, pouco mais ou menos nos mesmos termos, detallada lentamente, ac-

centuadamente, n'um tom de implacavel doçura que excitava madame Ebsen até á raiva, até aos excessos d'uma colera assassina deante d'aquelle mulher correctea e apertada na sua toilette negra que ainda tornava mais pallida a sua cara estreita, a sua fronte saliente, os seus rasgados olhos limpídos, quasi sem pupilla, onde se sentia perfeitamente o frio e o duro da pedra, a ausencia completa de toda a ternura e piedade de mulher.

«Vou estrangulal-a...» pensava Ebsen. Mas as suas mãos crispadas nervosamente juntavam-se e allongavam-se em supplica: «Madame Autheman, da-me a minha Lina... Não tenho mais ninguem no mundo. Sem ella, acabou tudo para mim... Meu Deus! nós que eramos tão felizes...»

E a voz afogava-se-lhe em soluços. Ella só pedia uma coisa, ella só queria uma coisa: vêr a sua filha, falar-lhe, e se fosse verdade, se Lina em pessoa lhe dissesse que a queria deixar... então resignar-se-hia, cederia, jurava-o.

Uma entrevista! Era exactamente o que Joanna Autheman não queria. Preferia, para convencer a mãe, experimentar phrases de sermão.

Madame Ebsen escutava, com os olhos no chão. De repente, como se tivesse tomado uma decisão, exclamou: «Pois bem; dirigir-me-hei á justiça. Veremos se são permittidas taes abominações.»

Apezar d'estas ameaças, que a incomodavam pouco, Madame Autheman reconduziu-a até ao patamar fazendo signal ao creado para a acompanhar, sempre magestosa, a sempre impessoal como o destino. A meio caminho a mãe voltou-se, parou n'aquelle terraço onde a sua filha passeava hontem, onde tinha passeado talvez n'aquelle propria manhã, e envolveu com um olhar o grande parque silencioso, dominado pela cruz de pedra branca que surgia do nevoeiro, como no alto d'um cemiterio.

Oh! lançar-se para esses bosques fechados, para esse tumulo onde sentia sua filha sepultada, fazer saltar a porta com um grande grito terrivel: «Lina!...» agarral-a, arrebatál-a, fugir com ella para longe, foi a sua idéa, era a sua vontade. Mas reteve-a a vergonha, o sentimento da sua impotencia, deante d'aquelle luxo e d'aquelle creado ordenança, que a impressionavam apezar de tudo.

A justiça! O seu unico recurso era a justiça.

Resolvida, partiu para a aldeia. O seu plano era procurar o maire, fazer-lhe a sua queixa e

vir com um gerdarme, com um guarda campestre, com alguém buscar a filha ou obrigar aquella má mulher a dizer-lhe o que era feito d'ella. Não duvidava um instante do bom exito d'esse passo. Só perguntava a si propria se tinha, antes d'esse escandalo, esgotado os recursos da conciliação. Oh! sim. Tinha chorado e supplicado de mãos postas áquelle ladra de creanças, sem ella a querer ouvir.

Chegou á mairie. Uma bandeira tricolor e as iniciaes R. F. na parede indicavam o edificio. Entrou. Um homem escrevia no rez-de-chaussée. Era o secretario da mairie. Madame Ebsen declarou que queria falar ao maire.

— Não está cá.

— A que horas lhe posso falar?

— Todos os dias das seis para as sete horas no castello.

— No castello? Mas então o maire é?...

— Sim, é o senhor Autheman. Madame Ebsen ficou desolada. Nada tinha a esperar d'aquelle lado.

Foi procurar o cura. Era padre e catholico. Devia ser o adversario natural dos protestantes e interessado na propaganda opposta.

— E' uma desgraçada mãe que vos vem procurar para vos pedir auxilio e protecção. Madame Autheman acaba de me arrebatat a minha filha.

Autheman! O padre mettia-se lá com os Authemans, os ricos e poderosos Authemans! Não a deixou continuar.

— Sois protestante? Então que tenho eu com as vossas questões? São questões de familia. Os pastores protestantes que as resolvam.

— Mas, senhor cura, é mais uma questão de humanidade que propriamente de religião... E' uma mulher, uma mãe que vos vem procurar... Vamos, não a deveis repellir...

O padre comprehendeu que tinha sido duro e que devia envolver a sua recusa em phrases de piedade. E deu uma grande explicação e prégou doutrina catholica, atacando a doutrina protestante, mas recusando sempre metter-se no negocio.

«Minha filha!... A minha filha!...»

E a pobre mulher disse isto n'um tom tão commovente que o padre, tocado no coração, accrescentou:

«Mas emfim, Madame, ha leis... Vá a Corbeil e entregue a sua queixa no tribunal... Eu bem sei que tendes de sustentar uma lucta bem difficil... Já o inquerito ha annos começado ficou em nada... Mas então estamos no deseseis de Maio... Póde ser que sejaes mais feliz

n'um regimen sinceramente republicano como agora.

E sublinhou com ironia estas palavras.

— E' longe, Corbeil? perguntou a mãe bruscamente.

— Não. E' perto.

E disse-lhe onde era.

Metteu-se a caminho a desgraçada-

E ia pensando. E ia dizendo: Mas afinal de que servem os juizes e os soldados se minha filha já me não ama? E repetia palavra por palavra a horrivel carta tantas vezes lida desde manhã... Deus chama-me; vou para elle.

Lina!... A sua toda dedicada!... Então, junto com a ingratição de Eline, subia-lhe ao coração tudo o que tinha feito por ella. Tantos cuidados, tantos sacrificios para a crear e educar e agora, que estava grande, bonita e instruida... Deus chama-me; vou para elle.

As pernas dobravam-se-lhe. Teve necessidade de parar e de se assentar n'um monte de pedras. Mas se aquella mulher dizia a verdade, se era verdadeiramente Deus quem lhe tinha levado a filha, se era elle o ladrão!... Porque emfim a tal Joanna Autheman não era magica, e, para roubar assim raparigas grandes, de vinte annos, era preciso que andasse ali coisa sobrenatural. Vieram-lhe então ao espirito phrases soltas, palavras dos livros santos que tomavam de repente no seu cerebro perturbado o tom de fogo das ameaças biblicas... Não ameis... Quem deixar por mim seu pae e sua mãe... Mas então contra Deus nada valia... O que ia ella fazer a Corbeil?... Procurar a justiça?... Contra Deus!...

Esmagada pela sua dôr sobre aquelle montão de pedras, olhando o Sena azeitoso e pesado que corria sem se mexer, ella já não existia senão para aquelle turbilhão d'idéas que faziam na sua pobre cabeça o effeito surdo da agua a ferver trasbordando da caldeira... Uma chuva fina, que começou cahindo, penetrou-a até aos ossos... Quiz levantar-se, pôr-se a caminho; mas começou tudo a andar em roda d'ella, o rio, as arvores, e cabiu na relva molle e lamacenta, sem sentidos, os olhos fechados, os braços inertes.

Junta da Barra

Reuniu hontem esta prestimosa associação local, tomando varias deliberações sobre as obras a seu cargo.

No domingo passado houve um *salsifré* no Recreio Artistico, assistindo a charanga de cavallaria 7, que agradou.

Cartas d'Algures

24 DE JANEIRO.

Já se vae calando a parvoçada litteraria que, por excentricidade e falta de miolo, vinha apregoando que o seculo desenove morreu deixando o mundo peor do que estava quando nasceu. A reacção triumphante, o despotismo dominando, a sciencia nulla. Um pavor d'erguer os cabellos! No fim de contas a reacção domina em Portugal, mas ha vinte e cinco annos, apenas, não havia entre nós um republicano militante. Hoje ha milhares, e não ha mais, não por maldade do seculo desenove mas da parvoçada que o infestou e de que elle não teve culpa nenhuma. Hoje o Veiga supprime jornaes republicanos a torto e a direito, ou a torto sempre, para dizermos a verdade. Ha vinte e cinco annos, sómente ha vinte e cinco annos, que foi sómente a quarta parte do seculo desenove, não precisava de os supprimir mas pelo simplicissimo motivo de que não existia nenhum. Hoje existem varios, com applauso da opinião, que incommodam a valer, de tal fórma que é preciso inventar leis e forjar Veigas para os fazer calar. E' despotismo, é reacção. Mas não ha reacção sem progresso, como não ha lucta sem luctadores.

Na Allemanha o imperador exerce uma especie de autocracia e a esse proposito leva o pobre seculo desenove pontapé russo. Mas na Allemanha não havia partido socialista, digno de tal nome, ha menos de meio seculo. E hoje o partido socialista allemão é poderosissimo. Não será esse partido uma garantia de liberdade politica e de egualdade social? Se não é, razão tem a litteratice que faz phrases contra o seculo desenove. Se é, a litteratice, salvo seja, está em erro.

Na França, a clericalha trama e embaraça por todas as fórmas. Não ha duvida. Mas ha trinta annos, ha trinta annos sómente, não tramava tanto pelo motivo innocente de que não precisava de tramar coisa nenhuma. Era ella que mandava, e em absoluto. Hoje trama e faz diabruras como a de Dreyfus. Mas ha na França um partido radical importante e um sólido partido socialista. E assim por toda a parte. De maneira que só pela mania tola de dizer sempre o contrario do que os outros dizem é que se comprehende que haja quem possa afirmar que os progressos politicos e sociaes do seculo desenove não existiram. Os progressos scientificos, esses, negal-os, já não é só mania. E' estupidez ou loucura.

E lavrado o nosso protesto a favor do calumniado seculo desenove, vamos a outro assumpto.

Morreu a rainha de Inglaterra. Tambem a parvoçada jornalistica, — que por existir é caso para alguns condemnarem a imprensa, vejam o disparate! — aproveita o ensejo para perguntar, em tom magico, o que acontecerá, o que será da Inglaterra. O que acontecerá! O que será da Inglaterra! Ha de acontecer e ser o mesmo que aconteceria e seria se a rainha não morresse.

A rainha tinha virtudes. Mas já nenhum povo se governa pelo arbitrio d'um homem ou d'uma mulher, quanto mais o povo inglez, que sempre, mais ou menos, se governou por si. Uma das maiores virtudes da rainha era precisamente a de conhecer bem o caracter inglez. Sabia que reinava n'um povo livre e contrariava-o o menos possivel. Na constitucional Inglaterra era rainha constitucional. Foi

este o seu grande merito. Não esta beleen luctas com a liberdade. Não contrariou o espirito democratico da nação. Foi a sua grande virtude e d'ella tirou o seu incontestavel prestigio.

De resto, os destinos da Inglaterra serão os mesmos, com Victoria ou sem Victoria.

Fica o osso do Transvaal para roer. Pois isso era de prevêr, salvo a capacidade europeia do sr. Emygdio Navarro, como lhe chama aqui o meu amigo. A guerra do Transvaal foi um dos motivos porque o meu amigo concedeu o titulo de capacidade europeia ao sr. Emygdio Navarro. N'um dos momentos, em que os boers pareciam aniquilados, o meu amigo, n'um impeto de enthusiasmo, berrou: «Aquillo é que é um homem. Elle bem o dizia. Elle prevê tudo com exactidão.»

O meu amigo já se tinha esquecido do grande plano da rota de Cervera através dos mares. Não admira. A cabeça do meu amigo é de gallo.

Ora, realmente, Navarro, não uma mas uma duzia de vezes, tem dado os boers promptinhos e na agonia. A ultima ainda foi quando Kruger chegou a Lourenço Marques. Kruger fugiu, roubando os cofres do Transvaal. Estava tudo acabado, escrevia Navarro.

Pelo costume de Portugal, assim devia ser. Navarro estava na logica dos costumes e dos factos.

E não era só Navarro. O litterato Silva Pinto tambem fallava com piedade dos boers, que se atreviam, coitadinhos, a pensar que seriam capazes de luctar com o colosso inglez. E varios outros pensadores, litteratos e philosophos.

Pois tenham suas excellencias paciencia, mas suas excellencias vão ficando todos com a cara á banda. Porque para lucta de leão e de formiga, o leão vae apanhando picadas de mais e mexendo o rabo demasiadamente. O leão entra em furia.

E' uma lição aos pensadores, aos litteratos e aos philosophos. Para a outra vez não aquilatem o valor, a força physica e moral de toda a humanidade, pelo valor e pela força dos alfacinhas, que tremem com medo da municipal e do Veiga.

Como acabará aquella questão do Transvaal? Cada vez se sabe menos, apezar da opinião da capacidade europeia. Eu fui sempre da mesma opinião. Se o Transvaal ficar entregue a si proprio, acabará por ser vencido. Mas se a Inglaterra, que tem interesses e conflitos por toda a parte, vier a envolver-se n'outra pendencia séria, ou se a promettida revolta geral dos afrikanders se realizar, a Inglaterra está mal.

Isto foi o que eu disse desde o principio. Mas os pensadores e as capacidades europeias riam se e chamavam *sentimentalistas* aos que pensavam e escreviam como eu. Conflito europeu nem pensar n'elle. Todas as nações tremem com medo da Inglaterra. A revolta geral dos afrikanders era um sonho de creanças. Ora as nações europeias realmente tem tremido. Até ahi concordo. Mas os afrikanders tem tremido menos. Não se revoltarão em massa? Já ninguém diz que essa revolta é um sonho de creanças. Antes já todos falam n'ella como em coisa quasi certa. Revoltar-se-hão em massa, os afrikanders? Pois se se

revoltam a Inglaterra esmurra as ventas. O caso, que já é sério, torna-se seriissimo.

A tactica de Joubert foi um erro. Aquella guerra systematicamente, exclusivamente defensiva, expectante, foi um desastro. Quando todos esperavam a queda de Ladysmith, de Kimberley, etc, o que seria de um effeito extraordinario para os boers, apparecem de repente os inglezes avançando e os boers fugindo e abandonando pragas por todos os lados. Porque? Porque Joubert, aliás com o sólido fundamento de ter poucas tropas, persistiu tenazmente no proposito de não investir, de ficar na expectativa defensiva, o que deu logar a que os inglezes se preparassem e creassem animo. Botia e De Wet teem seguido outro processo e os resultados são extraordinarios. Esse De Wet, principalmente, é uma capacidade militar de verdadeira grandeza. Se elle tem dirigido as operações desde o principio, os inglezes ainda não estavam em Pretoria.

E' verdade que nós cá estamos. Ainda hontem me contava um amigo que um general lhe dissera: «Ainda somos nós que vamos acabar com aquillo.» A Inglaterra pede auxilio a Portugal e somos nós que vamos acabar com aquillo.

O ex-cidadão Fuschini, o millio-nessimo codillo dos republicanos, tambem pensa assim, ao que parece.

O nosso partido republicano tem feito uma verdadeira figura de pau de cabelleira. Quando os amantes se arrufam, um d'elles mette se logo de gorra com o partido republicano para fazer ferro ao outro. Assim andam, até os amantes fazerem as pazes. Feitas as pazes, troçam ambos do pobre casquilho ludibriado. Quando os regeneradores querem o poder, fazem figas ao Paço com o partido republicano. Os progressistas fazem a mesma coisa. O partido republicano, sempre peralta, deixa-se sempre apanhar e comer, podendo, aliás, comer ou outros.

No emtanto, geralmente, o partido republicano é o requestado e o namorado. O sr. Fuschini é excepção. Este, teem sido os republicanos que o teem namorado escandalosamente. Namoraram-no antes da revolta do Porto. Feita esta, e os julgamentos de Leixões ainda a funcionar, declarou Fuschini na camara dos deputados que tinha sido convidado para a revolta mas que ainda que tivesse a republica na mão não abria esta para a deixar sahir.

Impenitentes, continuaram os republicanos com o namoro. Fuschini, que tinha jurado na *Liga Liberal* guerra de morte ao sr. Hintze, appareceu ministro com Hintze.

Assignou Fuschini os maiores attentados á liberdade, como o da reforma da policia de Lisboa, por exemplo. Não obstante, sahido do poder, voltaram republicanos a requestar-o e a namorar-o. Agora apparece Fuschini defensor da alliança ingleza, que tanto combateu!

Era bem bom que os senhores dirigentes republicanos se convencessem de que não ha nada mais ridiculo e desprestigiado do que esse papel de peralvilho troçado das amantes, ludibriado, escarneido e comido por ellas, e amantes coiras para cumulo de infelicidades, que teem desempenhado até hoje.

nhar em prudencia. E adeus, amo; sôde benigno com o pobre Gurth e com o seu cão Fang; mandae rependrar o meu barrete na sala grande de Rotherwood em memoria de eu ter dado a minha vida por meu amo, como um fiel... doido.

Estas ultimas palavras foram pronunciadas com uma expressão dubia, entre séria e comica. Os olhos de Cedric encheram-se de lagrimas.

—A tua memoria será conservada, disse elle, enquanto a fidelidade e a affeição forem honradas sobre a terra. Mas tenho esperança de que hei-de achar os meios de livrar Rowena e a Athelstane, e a ti tambem, meu pobre Wamba, a quem em não poderia esquecer n'esse intento.

Ainda não tinha feito a troca

Mas adeante. Somos então nós que vamos acabar com os boers? O general já é d'essa opinião. O Fuschini tambem deve ser.

Eu estou brincando, mas quem sabe se estaremos em vespuras de graves aventuras!

A. B.

O carnaval em Aveiro

Com uma concorrência mais numerosa realizaram no passado domingo os bailes de mascarados no Theatro Aveirense e no salão da rua do Alfena. Os *habitués* vão creando gosto e animando com a sua presença estes divertimentos, dançando-se já com enthusiasmo até de madrugada.

A avaliar pelo começo, têm os empresarios de prover bem os restaurantes se quizerem satisfazer as exigencias do numero crescente dos frequentadores.

A' empreza do salão da rua do Alfena agradecemos a promptidão com que nos attendeu, enviando-nos logo o bilhete de entrada permanente no recinto dos bailes.

Echos da semana

A RAINHA VICTORIA

O echo mais retumbante de toda a semana é, inquestionavelmente, a morte da rainha Victoria.

O «Exchange Telegram» diz que a rainha morreu a dormir, sem soffrimento.

Morreu; e a sua morte soltou, como é uso e costume em taes conjuncturas, o enxurro deliquescente d'uma eloquencia e d'uma rhetorica banal, já tão gasta, já tão desgasta que não ha gotas ferroginosas que lhe restituam o pristino vigor.

Adjectivaram todas as virtudes da rainha, mas com tal aneicia e com tamanho furor litterario que houve quem chegasse a alimentar o receio de que os dicionarios ficassem exhaustos para longo tempo.

E' ler os jornaes, e ver com que delirio o servilismo entreteceu phrases d'uma esterilidade pasmosa.

Nada escapou a eloquencia, barata e servil, nada omittiu a reportagem impertinente e indiscreta, desde a coroação solemne da rainha em Westminster, a 28 de julho de 1837, até á sua morte no castello de Osborne, em Cowes, na ilha de Wight, em 22 do corrente.

Nada. Até se julgou de magna importancia fazer saber ao universo inteiro que o fraco da

de vestuarios quando uma duvida assaltou subitamente Cedric.

—Eu não sei outra lingua, disse elle, senão a minha e algumas palavras do seu pretencioso normando. Como hei-de parecer-me com um reverende frade?

—O condão encerra-se em duas palavras, replicou Wamba. *Pax vobiscum* é resposta para todas as perguntas. Se quizerdes comer, ou beber, abençoar ou amaldiçoar, é dizer *pax vobiscum* e ir para deante. Estas palavras são tão uteis a um frade como um cabo de vassoura a uma bruxa e a varinha de condão a um nigromante. Mas dizei-as sempre em tom grave e recolhido: *Pax vobiscum!* E' de um effeito irresistivel. Sentinella e guarda, cavalleiro e escudeiro, infames ou cavalleiros, o encanto actua sobre todos elles. Se elles me enforcarem ama-

rainha, em materia culinaria, era uma sopa de farinha de aveia—*oat-meal soup*.

Estão no seu direito e no seu papel, o que não diminue nem augmenta as qualidades governativas que impõem a rainha Victoria á admiração publica, e fizeram do seu governo *uma republica régia*, na phrase conceituosa e profunda dos radicaes inglezes.

Morreu e, por isso, o enxurro da rhetorica alastra n'este momento, ferindo, n'uma harmonia enfadonha e deprimente, as cordas quebradiças d'um sentimentalismo servil.

DÉFRINGOLADE

A proposito da guerra anglo-boer lin-se ha dias no *Vaterland* de Berlim:

«Os boers estão senhores de todas as linhas ferreas que conduzem a Cape-Town, Port-Elisabeth e East-London. Kimberley encontra-se isolado.

Partidas boers occupam as montanhas de Schneeberg, Loenberg e Stornberg.

Em Cape-Town os inglezes não dispõem senão das suas pobres tropas, indisciplinaes e sem instrução.

Nas localidades do interior, tanto a sociedade civil como militar tem falta de viveres a ponto de expulsarem de Johannesburg os forasteiros, pela difficuldade que ha de adquirirem alimentação; e contudo, accrescenta o dito jornal—«lord Kitchener telegrapha todos os dias falando de victorias inglezas!»

Os periodicos imperialistas britannicos, incluindo os mais fanaticos, comegam a reconhecer, ainda que timidamente, que dentro em breve a Inglaterra ver-se-ha comprometida.»

N'estas palavras do jornal berlinez ha verdades d'um amargo intenso para o paladar dos que tão servilmente se teem regalado com as derrotas dos boers. O amargo, porém, deve subir de ponto com mais este formidavel excitante do *Vaterland*:

«O imperio universal da Grã-Bretanha não se encontra em situação de vencer os boers!»

Mas a Inglaterra ja considera o Transvaal e o Orange como territorios conquistados!

Diabo!...

E o *Daily Mail* persiste affirmando que as medidas tomadas pelo War-Office para satisfazer a lord Kitchener o pedido de 20:000 homens de tropas montadas são insufficientes, porque, se os afrikanders se levantarem em massa, serão precisos, pelo menos 60:000 homens que Chamberlain não tem promptos para mandar para o theatro da guerra.

Como o *Daily Mail*, pensam muitos cutros periodicos londri-

nhã, do que não se pôde ter duvida, hei-de experimentar a sua effcacia sobre o executor da sentença.

—Se assim é, disse o amo, em breve tomarei as minhas ordens: *Pax vobiscum!* Não me esquecerei das palavras de passe. Nobre Athelstane, adeus; e adeus meu pobre rapaz, cujo coração compensa a fraqueza da cabeça. Hei-de salvar-vos ou voltarei para morrer convosco. O sangue dos nossos reis sahidos não será derramado enquanto o meu me correr nas veias; e não cahirá um unico cabelo da cabeça do generoso escravo que arriscou a sua vida por seu amo, enquanto Cedric tiver meio de o evitar.

—Adeus, uobre Cedric, disse Athelstane; e lembrae-vos que um verdadeiro frade não regeita nun-

nos que não veem as coisas por um prisma de rosas, o que vem dar grande peso ás palavras do *Vaterland*, que acima referimos.

Debalde lord Kitchener pretende occultar a gravidade da situação e o desespero em que as tropas inglezas se encontram no sul da Africa, prohibindo aos soldados que escrevam ás suas familias sem auctorisação especial.

A «Westminster Gazette» commenta esta ordem do general inglez com a seguinte observação:

«Se o facto é verdadeiro, não é difficil comprehender os motivos de tal medida.»

De facto, não é necessario ter muita perspicacia para ler nas entrelinhas toda a verdade da situação que determinou tal ordem de lord Kitchener.

E a verdade é que a invasão do Cabo toma proporções assustadoras para a Inglaterra.

LEI DE VADIAGEM

Ha em Portugal uma lei chamada *de vadiagem*, como ha tambem outra chamada *de imprensa*. D'esta nem é bom falar: finjámos esquecel-a para que ella se não lembre de nós. D'aquella, como nos não toca pela pelle, nem de longe, sempre nos atrevemos a dizer que é odiosa, como todas as leis, quando a cegueira da justiça as deixa ao desamparo nas mãos de juizes sem criterio nem escrúpulos.

Foi em nome d'esta lei que ultimamente condemnaram como vadio e encerraram no Limoeiro um pobre velho de 79 annos, viuvo, trabalhador, natural de Torres-Vedras, chamado Miguel Lourenço. Entregue ao governador civil, a iniquidade foi reconhecida por esta auctoridade que resolveu internal-o no Asylo de Mendicidade.

Para mostrar o criterio e justiça d'esta lei, accrescenta o jornal onde lêmos o facto, basta apenas mostrar como uma auctoridade tenha, por sentimento de humanidade, de ser superior a ella—corrigindo-a.

CHICAGO PORTO MARITIMO

Chicago está, como se sabe, na America Septentrional, na vasta região granitica dos Lagos, a sudoeste do Michigan cuja superficie é de 62:870 kilometros. Pois apesar de afastado do Atlantico não só pelo Michigan, mas tambem pelo Huron, Erie e Ontario, cuja superficie de 156:945 kilometros quadrados é preciso atravessar antes de chegar ao S. Lourenço, vai dentro em breve transformar-

oa de comer ou beber quando lh'o offerecem.

—Adeus, tio, accrescentou Wamba; lembrae-vos do *Pax vobiscum*.

Assim ensinado, Cedric poz-se a caminho resolutamente; e ainda não tinha andado muito, quando teve occasião de experimentar a virtude do condão que o lobo lhe recommendara como omnipotente. N'uma passagem baixa, abobadada e sombria, pela qual procurava dirrigir-se para a sala grande do castello, foi detido por um vulto feminino.

—*Pax vobiscum*, disse o pseudo frade, e tentava passar adeante quando uma voz doce lhe respondeu:—*Et vobis—quæso, domine reverendissime, pro misericordia vestra.*

(Continúa.)

(74)

FOLHETIM

IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT

CAPITULO XXIV

—Perpectiva! repetiu Wamba; deixae-me dizer-vos que quando vestirdes o meu habitto, envergareis uma farda de general. Lá fóra estão quinhentos homens e esta manhã eu era um dos seus chefes. O meu barrete de bobo era um capacete e a minha espada de pau um bastão. Pois bem, havemos de ver se elles ganham em trocarem um louco por um homem de juizo. Francamente, eu receio que elles percam em valor o que podem ga-

se em porto de mar. Nos estaleiros dos Grandes Lagos estão actualmente em construcção quatro transatlanticos, um dos quaes tomará, em principios d'abril, através dos lagos e pelo canal de Welland, a rota da Europa.

Chicago vai, pois, tornar-se porto marítimo, podendo assim exportar directamente para a Europa os seus cereaes e as suas carnes, o que até aqui só podia fazer conduzindo por terra os seus productos até Nova-York, ou até qualquer outro porto do littoral do Este.

A nova situação marítima e commercial que Chicago vai occupar, é devida ao aprofundamento dos canais canadenses que põem em communicação os Grandes Lagos. Esta communicação ficará assegurada, n'um futuro proximo, por meio de gigantescos canais que permitirão a navegação de transatlanticos de grande tonelagem.

E.

Novo jornal

Dizem-nos que sahirá brevemente em Aveiro um novo jornal que se propõe pugnar pelos interesses da classe operaria. Será socialista retinto.

Que appareça.

MONSTROS HUMANOS

Numerosos são certamente os nossos leitores que, nas feiras, ou nas galerias do Museu Dupuy-treux, tem visto homens-troncos, homens sem braços ou sem pernas, mulheres-peixes, vivos ou conservados em alcool. Por não serem muito frequentes estas anomalias na constituição do corpo humano, não deixam de constituir um estudo curioso e interessante.

Os sábios, tanto na antiguidade como nos tempos actuaes, occuparam-se d'estes phenomenos physiologicos, procurando e julgando ter encontrado as causas d'essas anomalias. Outr'ora attribuia-se ao medo, á vista de um animal, a uma impressão de homem sobre mulher a causa d'esses monstros; mas os progressos das sciencias biologicas fizeram abandonar esses preconceitos da influencia das impressões maternas.

As mais fracas influencias podem produzir variações muito notadas sobre a constituição dos organismos; quando os agentes cosmicos ou o meio interno se tornam taes que a vitalidade do ovo em via de desenvolvimento é atingida, resultam d'ahi perturbações mais ou menos consideraveis no desenvolvimento do feto. Estas infracções do organismo ás leis embryologicas são por vezes muito accentuadas; resulta d'ahi um individuo notavelmente differente dos seus antecessores immediatos.

Uma das mais frequentes, entre as consequências dos embraços á vida do ovo, é uma suspensão da evolução n'uma região bem circumscripta, ás vezes mesmo limitada a um órgão; outras vezes ha falta de formação ou suspensão de crescimento; o mais curioso é que as mesmas causas podem produzir nos individuos phenomenos differentes.

Entre os monstros que se mostram nas feiras, um dos mais curiosos que se tem visto, foi certamente a *mulher lagosta* que appareceu ha dois annos na celebre festa de Neuilly; os pés e as mãos eram dois dedos enormes, perfeitamente semelhantes ás pinças de uma lagosta; isto proveio da suspensão de desenvolvimento das extremidades ao mesmo tempo que os dedos em formação se collavam uns aos outros! A po-

lydactilia, hereditaria n'um certo numero de gerações, é muito frequente no homem; um dos artistas que tem tido mais exito em Paris ha uns poucos de annos para cá, o phantasia Little-Tich, possui seis dedos tanto nos pés como nas mãos; é verdade que, como curiosidade de conformação, tem elle tambem a barriga da perna voltada para a frente.

Mais curiosos são os monstros conhecidos pelo nome de *homens troncos*. Esta anomalia provem d'uma atrophia dos membros, quando os pés e as mãos estão formados e ha ausencia total ou quasi total dos membros, ou quando os braços, ou as pernas, ou os braços e as pernas faltam: a causa está muitas vezes n'uma amputação intra-uterina produzida pelo cordão umbilical. Os homens atingidos por este defeito atrahiram sempre a attenção do publico e mostram-se d'uma habilidade e engenho que compensam o seu vicio de conformação e lhes permitem executar trabalhos que parecem na apparencia impossiveis para elles.

Tem havido monstros d'esses em todos os tempos; tanto na antiguidade, como na idade média, como nos nossos dias. Mas, se muitos d'elles hoje podem ganhar uma vida honesta e até fazer fortuna como artistas de feira ou de circo, n'outros tempos eram considerados como seres prejudiciaes, maleficos, como diabos, productos de uniões extravagantes, e as mães, sempre innocentes n'aquellas creações monstruosas, pagavam com a vida o apparecimento d'aquelles seres disformes. Contudo Ambroise Paré, o grande cirurgião medico do seculo dezeseis, cita nas suas interessantissimas memorias o caso de uma mulher que, privada de braço, *cosia, talhava e fazia outras acções*, e o caso mais curioso ainda d'um homem igualmente privado do braço que *fazia estalar um chicote de carroceiro segurando-o entre o collo e o hombro e que comia, bebia e jogava as cartas com os pés*.

Mas um dos mais celebres, entre os homens sem braços, foi o pintor Ducornet, que nasceu em Lille, a 10 de janeiro de 1806; não tinha braços e nos pés só tinha quatro dedos. Estudou primeiro pintura em Lille, depois veio para Paris, onde adquiriu uma grande reputação; no museu da sua cidade natal pôde-se ver uma immensa tela sua, comprada pelo estado: é uma Magdalena aos pés do Christo depois da resurreição. Este verão nas feiras que se estabeleceram nos boulevards exteriores de Paris, exhibia-se um homem tronco que era, na verdade, d'uma grande habilidade com os seus magros côtos: E, n'este momento mesmo, no Novo Circo da rua Saint-Honoré, os espectadores sempre numerosos n'esse estabelecimento coquet, admiram um artista, um verdadeiro artista sem braços. Chama-se Unthan, tem 50 annos de idade; nasceu em Königsberg e casou-se em Praga, que é a sua residencia habitual, e teve dois filhos, ambos muito bem conformados, que lhe morreram. Unthan nasceu sem braços e não possui nos hombros senão uns côtos pequenissimos com um dedo mal formado; o resto do corpo é perfeitamente constituído e respira força e saúde. Com os pés, Unthan é tão habil, mesmo mais habil que um homem com as mãos; possui uma elasticidade extraordinaria nos membros inferiores e tratou de utilizar os seus talentos como artista. Primeiro percorreu o mundo como acrobata, sendo muito applaudido na Europa e na America a tocar rebecca e outros instrumentos, a jogar as cartas, a escrever e a fazer a barba, etc.

Quando Unthan foi escripturado para o Novo Circo pelo habil director o sr. Houcke, propoz variar os exercicios, nadando. O sr. Houcke, que tem visto tantas coisas na sua existencia de director de circos, não queria acre-

ditar. Um homem sem braços nadador!

O sr. Houcke accedeu á proposta de Unthan e todas as noites se vê o homem sem braços mergulhar na pista aquatica e executar uma série de exercicios curiosissimos. Citarei dois dos mais notaveis: lança-se á agua uma moeda de cinco francos e um prato; Unthan mergulha e, em menos tempo do que é preciso para o escrever, reaparece á superficie com a moeda de cinco francos na bocca e o prato n'um pé! Faz a prancha, mantem-se immovel na agua com os pés e o corpo sem bulir, volta-se sem ajuda dos pés, com um simples movimento dos hombros, etc.

Perguntando-se como aprendeu a nadar, respondeu: «Oh! da maneira mais facil; aos oito annos cahi á agua e como não tinha vontade nenhuma de morrer afogado, tratei de sahir de lá; depois creei gosto á agua e metti-me n'ella até saber nadar.

(De «La Nature.»)

«O OCCIDENTE»

Encetou o seu vigesimo quarto anno de publicação esta apreciada revista illustrada portugueza, a que no seu genero tem conseguido entre nós uma tão longa vida. O presente numero é o primeiro do novo anno e abre brilhantemente o 24.º volume da bella illustração nacional, que merecidamente tem sido tão distinguida no paiz o no estrangeiro.

O n.º 793 insere as seguintes gravuras: Convento da Batalha, vista geral dos terraços; retratos da actriz Delfina Victor, do conselheiro Pedro Ignacio Lopes, e de Julio de Andrade; varias estampas relativas á sociedade protectora dos animaes, sendo uma vista do hangar para trens de praça, o carro para condução de animaes doentes e um marco fontenario; retrato de Augusto Ferreira.

Na parte litteraria figuram nomes illustres, firmando a Chronica Occidental D. João da Camara; Delfina Victor, J. M.; a Sociedade Protectora dos Animaes e Julio d'Andrade o dr. Rodrigo Velloso; o Real Theatro de S. Carlos de Lisboa, Francisco da Fonseca Benvides; Questões sociaes, D. Francisco de Noronha; Lições de photographia, Antonio A. O. Machado; O rei das serras, Edmond About; Necrologia; Publicações.

No imperio russo

Os condemnados politicos — A tortura na Siberia

Conhecem o livro de Stpeniak, a *Russia Subterranea*? E' um livro que foi traduzido para portuguez e que, publicado tambem nas linguas italiana, franceza e hespanhola, será, hoje e sempre, lido por quantos pretendam conhecer a Russia Nihilista, a Russia Revolucionaria de enjos mysterios pouco sabemos nós, os occidentaes.

No seu livro, publicado depois de 1881, Stpeniak descreve-nos a vida dos estudantes revolucionarios, contanos os sacrificios, os actos de coragem, os soffrimentos de creaturas generosas, humanitarias e intelligentes como Demetrio Lisogub, o santo, Sophia Perowskaia, Hessa Helfman, a Martyr, Valeriano Ossinski, e mais e mais, obscuros como os compositores da *Norad naia Volia*, ou de todo o mundo conhecidos como Vera Zaslouicht, heroes e martyres de um ideal redemptor.

Quantos sonhos de enthusiasmo nos embalam e quantas horas de tortura, ao mesmo tempo, lendo esse livro!

E, todavia, Stpeniak, referindo-nos por vezes, os soffrimentos dos presos politicos na fortaleza de S. Pedro e S. Paulo, ou dos desterrados na Siberia, ainda não nos diz tudo.

Mas vae dizel-o, e pela forma a mais flagrante, o polaco Alexandre Sochaczewski. E como? Reproduzin-

do na tela as scenas a que assistiu durante vinte e dois annos que, desterrado, passou na Siberia a trabalhar nas minas!

Alexandre Sochaczewski — livre finalmente! — encontra-se em Bruxelas. E ali, como um grande artista que é, e sentindo bem a sua obra, prepara uma série de sombrios quadros que exporá com este titulo geral — *O Museu da Siberia*. Galeria tragica de incomparaveis horrores, grito d'alma contra a deshumanidade e a injustiça que soffrem aquelles cujo grande crime é desejarem a liberdade para os seus irmãos — todos os homens.

O primeiro quadro que vae, como os outros, ser enviado ao Czar e á Czarina para que fiquem sabendo bem o que é a vida dos condemnados na Siberia, representa a marcha de uma léva de presos politicos, pelos infundaveis campos de neve. Seguem os tristes, com os pés descalços, arrastando correntes de ferro, entre cossacos vigilantes, promptos a trespassar com a sua lança terrivel o primeiro que der mostras de querer fugir aos algozes. Outro quadro é simples: o retrato da joven Gudzinska, uma polaca lindissima accusada de nihilismo. Esta verdadeira martyr morreu nas salinas de Baikal, victima de torturas inauditas, por se recusar a acceder aos desejos lascivos e brutaes de um official de cossacos de servico nos presidios. O guarda que vigiava a desditosa creança, tinha ordem de a não deixar em paz um só momento, quando ella cumpria a triste tarefa de um dia inteiro, cortando as mãos na agua gelada, lavar os saccos do sal. Ao menor pretexto era chicoteada com o terrivel *Knout* — sete cordas terminando em pontas d'aço que retalham as carnes até as deixar escorrendo sangue.

Assim morreu Gudzinska, a nihilista.

Depois do retrato da Martyr vem um quadro reproduzindo a *Scena da fustigação*.

No centro o condemnado, fortemente ligado por meio de cordas; em volta um grupo de officiaes cossacos. O carrasco despede sobre as costas suas do infeliz repetidos golpes de *Knout*. De tempos a tempos o executor suspende. Por piedade? Não!

Os officiaes querem que elle viva ainda para que o terrivel espectáculo se prolongue. E rindo, fumando, assistem áquella infamia que para elles tem requintes de inequalavel prazer...

Novo quadro... O que mais horrores ainda? Sim! Leiam, leiam até final! Vejam o que se passa ainda hoje na Siberia, com os perseguidos politicos. Novo quadro. *A corrida*. Os pulsos ligados por uma longa e pesada cadeia, o condemnado tem de correr entre duas fileiras de soldados que lhe descarregam cacetadas ou golpes de sabre.

Quando das carnes rasgadas o sangue jorra em borbotões, um medico espalha uma porção de sal por sobre as chagas do infeliz. E, se por acaso elle já não pôde ter-se de pé, estendem-no sobre um carro conduzido por outros dois condemnados e a corrida continúa até que, d'aquelle homem, reste um monte de carne ensanguentada.

Mais dois quadros: A morte n'uma cova dentro da mina. O condemnado é introduzido n'uma cavidade estreita, carregado de cadeias e alli morre victima dos insectos — vampiros que lhe sugam o sangue.

Agora o ultimo d'esta galeria de horrores que a phantasia de Goya não imaginará. Um velho quasi esqueletico jaz n'um subterraneo preso á parede por uma corrente de ferro. Este velho jazeu assim durante vinte annos!

Qual o seu crime? Haver morto um official que, na noite do casamento, lhe raptara á viva força a noiva deshonrando-a...

O pintor Sochaczewski, apenas der os ultimos retoques nos seus quadros, exporá o terrivel museu da Siberia, em todas as principaes cidades, no intuito de iniciar uma grande agitação de protesto dos povos europeus contra as inconcebiveis atrocidades que os carrascos de uniforme praticam, impuramente, na Siberia, deshonrando o genero humano.

PUBLICAÇÕES

Historia da Revolta do Porto

Vae começar a ser publicada no proximo dia 31 de janeiro, a historia da revolta do Porto, escripta por João Chagas e pelo ex-tenente Coelho, cuja participação n'esse movimento revolucionario é de todos bem conhecida.

Por este motivo, a publicação d'essa obra está destinada a constituir um grande exito. Constará ella de um grosso volume in-8.º francez, de 500 paginas, impresso em magnifico papel, especialmente fabricado, e illustrada com cerca de cento e cincoenta photogravuras, de mais flagrante interesse documental, como sejam retratos de todas as personalidades que directa, ou indirectamente se encontraram envolvidas no movimento; logares, edificios, vistas, objectos, bem como grande numero de curiosissimos *fac-similes*, documentos officiaes, cartas, etc. Além d'isso, 30 photogravuras em papel especial de luxo, com os mais recentes retratos dos vultos republicanos que ligaram o seu nome á historia do movimento.

A publicação far-se-ha aos fasciculos de 16, ou de 32 paginas, ao preço de 60 e 120 réis, respectivamente, e por tomos de cinco fasciculos, ao preço de 300 réis.

A edição, que representa um verdadeiro emprehendimento, é feita pela nova Empresa Democratica de Portugal, fundada e dirigida pelos auctores da obra. Os escriptorios estão installados na rua dos Douradores, 29, onde desde já se recebem assignaturas.

ANNUNCIOS

BAGAÇOS ALIMENTARES

VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos es melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

EMPRESA ALUGADOURA E LIQUIDADOURA AGENTE

Augusto Jorge Garcia

R. José Luciano de Castro n.º 20 AVEIRO

Azeite do Douro

NINGUEM compre sem visitar o Armazem da Bandeirinha, á rua das Barcas; pois é alli onde se vende o puro azeite, por junto e a retalho.

Preços convidativos.

Desconto aos revendedores.

COMPANHIA NACIONAL EDITORA

(Antiga casa David Corazzl)

Bibliotheca

HORAS ROMANTICAS

Collecção de obras litterarias e scientificas notaveis, dos melhores auctores, antigos e modernos, nacionaes e estrangeiros

CRÊ RÉIS CADA VOLUME

ROMANCE, POESIA, THEATRO, ARTE, HISTORIA ETC.

Publicação quinzenal nos volumes de 160 a 200 pag.

100 réis o volume

AO COMMERCIO E AO PUBLICO

ALBINO PINTO DE MIRANDA, gerente da casa de Manuel José de Mattos Junior—o MANUEL MARIA—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio café crú de diversas marcas, café torrado em grão e moído, avulso e empacotado, por preços muito baixos, rivalizando com vantagem com as casas congêneres do Porto. As vendas são a prazo, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade de louça de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello Champagne.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços rasoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de alubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

Armazem de vinhos da Bafurada, que vende a 60 réis o litro, tinto; branco a 100 e 200 réis, sendo para consumir em casa do freguez.

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante comissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)
AVEIRO

FERRAGENS, zinco, chapa zincada, chumbo em barra e em pasta, estanho, prégos, para fusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, oleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

Domingos José dos Santos Leite

**RUA DO CAES
AVEIRO**

NOVA ALOUILLARIA

DE

MAUEL PICADO & PEREIRA

(Antiga casa de Fernando Christo)

N'esta casa continúa a haver carros de aluguer, servindo-se os freguezes com a maior regularidade e economia de preços.

Vende-se palha sarrotada para gado.

Rua da Alfandega—AVEIRO

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO

75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

Almanach illustrado DO "OCCIDENTE," Para 1901

Este excellent almanach, um dos meliores que entre nós no seu genero se publica acaba de ser posto á venda nas principaes terras do paiz, e d'elle recebemos um exemplar.

Profusamente illustrado e selectamente redigido, contem, além de todas as tabellas uteis e proprias de um bom almanach, um grande numero de artigos litterarios, artisticos e scientificos, muito interessantes e instructivos, acompanhados de gravuras, de monumentos quadros, estatuas, retratos, etc.

Verdadeiro modelo do annuario illustrado, cuja colleção é já hoje bastante valiosa, o *Almanach do Occidente para 1901*, trata entre outros, dos seguintes assumptos:

Centenario de Castilho, anniversario da batalha do Bossaco, convento do Carmo em Lisboa, a campanha contra o Mataboa, centenario do descobrimento do Brazil, exposição universal de Paris, a estatua da Historia por Teixeira Lopes, D. Adelaide de Bragança no seculo e no claustro, as romarias portuguezas, a serra da Arrabida, o frei Martinho e a gruta de Santa Margarida, centenario de Antonio Ribeiro Saraiba, actriz Angela Pinto, 1.º centenario do patrão Joaquim Lopes, o poeta Malhão, o quinto centenario de Guttemberg, a secção agricola portugueza na exposição de Paris, etc, etc, sobresahindo uma synopse das conquistas e descobrimentos portuguezes assaz completa.

Entre os mortos illustres dá-nos os retratos de Camara Pestana, Barjona de Freitas, Serpa Pimentel, Eça de Queiroz.

O apreciavel Almanach, custa 200 réis cada exemplar, encontra-se á venda em todas as livrarias e na *Empresa do Occidente*, Largo do Poço Novo, Lisboa, aonde devem ser dirigidos todos os pedidos.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

Os Mystérios da Inquisição

POR

F. GOMES DA SILVA

Obra illustrada a côres por Manuel de Macedo e Roque Gameiro.

Nos *Mystérios da Inquisição* descobrem-se horrores que agitam afflictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escarpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fustiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

Prezioso brinde a todos os senhores assignantes: Uma magnifica estampa splendidamente colorida, medindo 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

ATELIER DE ALFAETERIA

DE

Joaquim Ferreira Martins (O GAFANHAO)

R. da Costeira—AVEIRO

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para inverno.

Como estamos na estação do inverno tambem lhe acaba de chegar um grande sortimento de fazendas para vinhos.



BRAZIL, PARÁ E MANAUS

Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos e mais portos do Brazil

Passagens de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes, em todas as companhias de paquetes por preços muito reduzidos. Vapores a sahir de Leixões e de Lisboa.

As passagens tomadas n'esta casa gozam de todas as regalias e abatimentos concedidos pelas respectivas companhias aos srs. passageiros.

Esta agencia encarrega-se de solicitar passaportes e de obter no Porto e nas provincias, com a maior modicidade e rapidez, todos os documentos necessarios para os mesmos.

Concedem-se passagens gratuitas a familias de agricultores e a homens sós para o Estado de S. Paulo.

AFRICA OCCIDENTAL

em 1, 11 e 21 de cada mez.

Para mais esclarecimentos dirigir-se directamente aos agentes habilitados em harmonia com a lei.

Abel Paulo & Pereira,

89—Praça da Batalha—PORTO.

(Em frente ao governo civil)

ARMAZENS

DA

BEIRA-MAR

DE

MANUEL GONÇALVES MOREIRA

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADOES, 1 A 5

AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo (Luz. Cam.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio. Officina de chapelaria, Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obra de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bafurada.

Representante da casa Beirão, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir byciclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quinquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Encadernações.

N. B.—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

SAPATARIA AVEIRENSE

DE

Marques d'Almeida & Irmão
AOS BALCOES

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos

OFFICINA DE CALÇADO

DE

João Pedro Ferreira

AOS BALCOES—AVEIRO

NESTA antiga e acreditada

officina de calçado executa-se com toda a perfeição tanto para homem como para senhora e creanças toda a qualidade de calçado que ha de mais chic.

Garante-se a solidez e economia de preço.